



LICENCIANDOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: UM ESTUDO SOBRE INDICADORES DE ACOLHIMENTO

UNDERGRADUATE STUDENTS ON PHYSICAL EDUCATION IN THE CONTEXT OF THE SUPERVISED CURRICULAR INTERNSHIP: A STUDY ON WELCOME INDICATORS

1

LICENCIADOS EN EDUCACIÓN FÍSICA EN EL CONTEXTO DE PRÁCTICAS CURRICULARES SUPERVISADAS: UN ESTUDIO SOBRE INDICADORES DE RECEPCIÓN

Diane Mota Lima¹
Miguel Ataíde Pinto da Costa²
José Henrique dos Santos³

Resumo: O objetivo desta pesquisa foi levantar indicadores do modelo de receptividade ao estagiário de Educação Física realizados nas escolas, pelos Professores Supervisores (PS), durante a atividade de Estágio Curricular Supervisionado. A pesquisa recorreu ao método qualitativo, por meio de estudo de casos, a partir de uma perspectiva de modelo analítico descritivo. Os participantes foram um Professor Supervisor de Educação Física e de seu estagiário. Os dados coletados pelos instrumentos de Notas de Campo, Entrevistas Semi-Estruturadas e Documento do Relatório Final do estagiário foram submetidos à técnica de Análise de Conteúdo. Os resultados dessa investigação revelaram que o modelo adotado pelo PS foi de Recepção. O PS autorizou o início do estágio, porém sem o devido acolhimento e orientação necessários a estagiária.

Palavras-chave: Acolhimento no estágio. Formação de professores. Estágio curricular supervisionado. Educação física.

Abstract: The objective of this research was to raise indicators of the model of receptivity to the intern of Physical Education carried out in schools, by the Supervisory Teachers (ST), during the Supervised Curricular Internship activity. The research used the qualitative method, through case studies, from the perspective of a descriptive analytical model. The participants were a Physical Education Supervisor Professor and his intern. The data collected by the instruments of Field Notes, Semi-Structured Interviews and Document of the Trainee's Final Report were submitted to the Content Analysis technique. The results of this investigation revealed that the model adopted by the ST was that of Reception. The ST authorized the beginning of the internship, but without the proper reception and guidance needed by the intern.

¹ Mestrado em Educação Física. Universidade Estadual Paulista (UNESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7933-2777>. E-mail: dianemotalima@gmail.com.

² Doutorado em Epidemiologia em Saúde Pública. Escola Nacional de Saúde (FIOCRUZ). Professor em regime de dedicação exclusiva do Colégio Pedro II. Campus Realengo. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6498-3435>. E-mail: miguelcosta.ef@gmail.com.

³ Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade Técnica de Lisboa. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2159-6611>. E-mail: henriquejoe@hotmail.com.



Keywords: Welcoming in the internship. Teacher formation. Supervised internship. Physical education.

Resumen: El objetivo de esta investigación fue recopilar indicadores del modelo de receptividad al pasante de Educación Física realizados en las escuelas, por los Profesores Supervisores (PS), a lo largo de la actividad de Práctica Curricular Tutelada. La investigación sucedió por el método cualitativo, por medio de estudio de casos, desde una perspectiva de modelo analítico descriptivo. Los participantes fueron un Profesor Supervisor de Educación Física y de su pasante. Los datos recopilados por los instrumentos de Notas de Campo, Entrevistas Semi-Estructuradas y Documentos del Informe Final de la práctica fueron sometidos a la técnica de Análisis de Contenido. Los resultados de esa investigación revelaron que el modelo adoptado por el PS fue de Recepción. EL PS autorizó el inicio de la práctica, pero sin el debido acogimiento y orientación necesario a la pasante.

Palabras-clave: Acogimiento en la práctica. Formación del profesorado. Práctica curricular tutelada. Educación física.

Submetido 20/02/2021

Aceito 18/05/2021

Publicado 21/05/2021



Introdução

O estágio curricular supervisionado é uma importante etapa da formação inicial de professores com a finalidade de antecipar as vivências e situações escolares para os estagiários. “O estágio como componente curricular e eixo central dos cursos de formação docente, apresenta aspectos indispensáveis à construção do ser profissional docente no que se refere à construção da identidade, dos saberes e das práticas necessárias” (PIMENTA; LIMA, 2019, p. 29).

O estágio permite ao futuro professor a construção de habilidades e competências inerentes ao ofício de professor sob a orientação de professores supervisores mais experientes. Com isso, existe a necessidade de se pensar o estágio curricular supervisionado profícuo e preocupado com formação do estagiário, para que o mesmo tenha oportunidades de experiências diversificadas que o possibilite uma construção de saberes experienciais docentes (SARTI, 2009).

Todos os atores da escola devem participar e se sentir responsáveis pela formação do licenciando na unidade escolar, porém o protagonismo de acompanhar o estagiário fica a cargo do professor supervisor (professor da rede básica de ensino que orienta o estagiário no ambiente escolar) (BENITES, 2012).

Os autores Benites, Cyrino e Neto (2012, p. 567) vêm se dedicando às pesquisas sobre o papel do professor colaborador (nesta pesquisa adotada o termo Professor Supervisor e suas problemáticas:

Afinal quem é este professor-colaborador? Antes de tudo ele é um professor. Alguém que foi forjado pela sua constituição, que agrega saberes, competência e experiências relacionadas a um universo profissional e pessoal. Este professor-colaborador é formado para ensinar alunos da educação básica e recebe estagiários em situação de estágio obrigatório nas escolas, mas não recebe uma formação específica para se tornar um formador de professores.

De acordo com o Parecer CNE/CP 28/2001, a escola é considerada uma “instituição acolhedora” e a universidade uma “instituição formadora” (BRASIL, 2001). A essa função de acolher o estagiário, estão envolvidos todos os participantes da escola, em especial, o professor supervisor que deve acolher o estagiário em suas aulas e em seu cotidiano escolar.



Modelos de Receptividade

São ações e posturas adotadas pelo professor supervisor com seu estagiário ao longo de todo o período do Estágio Curricular Supervisionado. Serão considerados aqui a Recepção, Acolhimento Formativo e o Acolhimento Modelar (ARAUJO, 2014; BUENO; SOUZA, 2012; CARVALHO, 2000).

4

Recepção

O conceito de “recepção” adotado por Araújo (2014), sendo a condição mais inicial e simples do processo de chegada do estagiário ao ambiente escolar. É a autorização para entrada e permanência no espaço físico escolar para fins de observação das aulas ou possíveis intervenções práticas nas aulas sem a devida orientação do professor supervisor.

Logo, o estagiário resigna-se a cumprir a carga horária exigida pela legislação e se coloca de forma passiva ao professor supervisor, que por sua vez, assume uma posição neutra, sem qualquer relação ou demonstração de interesse pela formação do estagiário (ARAUJO, 2014).

Acolhimento Modelar e as Relações de “Mestrança”

No modelo de acolhimento modelar o professor supervisor se utiliza do diálogo com o estagiário como meio de interação, porém seu objetivo é de “transmissão de um modelo de atuação docente, o qual ele mesmo é assumido como representante” (ARAUJO, 2014, p. 153). Essa relação estabelecida entre o professor supervisor e o estagiário é denominada de “mestrança” (ARAUJO, 2014).

O professor supervisor assume um papel de “mestre de ofício”, com ações de transmissão da arte de ser professor para o estagiário, e espera que ele o imite como um “aprendiz de ofício” (ARAUJO, 2014, p. 153). O ponto em destaque a ser avaliado pelo professor supervisor é o resultado da prática nas aulas, ou seja, se o estagiário aprendeu e realizou bem as técnicas ensinadas.

O processo de ensino aprendizagem do estagiário está pautado na execução das tarefas anteriormente observadas nas aulas do professor supervisor e, repetidas vezes, imitadas como forma de modelos (CARVALHO, 2000).



Acolhimento Formativo

O perfil envolvido e participativo do professor supervisor na formação profissional do estagiário está relacionado ao modelo pedagógico da contemporaneidade, que destaca a invisibilidade como ponto importante no acolhimento (BUENO; SOUZA, 2012), por estimular a reflexão nas próprias práticas como fontes de referências e não em outras pessoas como modelo.

Espera-se que, “no âmbito desse trabalho formativo articulado com a universidade, os professores partilhem com os estudantes impressões, pensamentos, saberes, dúvidas e práticas ligadas à docência cotidiana e os recebam como colegas de ofício” (SARTI, 2009, p. 136).

Com isso, de acordo com Araújo (2014), a disponibilidade do professor supervisor em acolher o estagiário com seus questionamentos e ansiedades naturais do período inicial de contato com a cultura docente está relacionada ao conceito da socialização profissional, pois compreende a ideia de acolhimento no ato de inserir o estagiário na cultura de ser professor.

Contexto da pesquisa

Dentre algumas situações problemáticas que vêm sendo pontuadas nas pesquisas sobre Estágio Supervisionado, a conduta de recepção e orientação do estagiário pelo professor supervisor nas escolas tem ganhado destaque. As funções exercidas pelos estagiários, os momentos destinados a orientação e *feedbacks*, possibilidades de intervenção pedagógica assistida e reflexão sobre a prática docente ganharam destaque nesse estudo por serem importantes para o pleno desenvolvimento desta atividade curricular do graduando.

Situações essas que influenciam no processo de acolhimento e acompanhamento do estagiário pelo seu professor supervisor, assim como a pouca formação do professor supervisor para o exercício desta função de orientar o estagiário (BENITES, 2012). Com isso, esta pesquisa buscou entender como é realizado acolhimento do estagiário do curso de Educação Física de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) no ambiente escolar pelo Professor Supervisor, numa perspectiva mais próxima da realidade desses participantes.

O acolhimento recebido pelo estagiário e todos os fatores envolvidos no processo de orientação do estagiário na escola têm relação com êxito do Estágio Curricular Supervisionado (ARAÚJO, 2014).

Diante destes fatos, a questão central deste estudo foi: quais são os indicadores de modelos de receptividade oferecido pelo professor supervisor à sua estagiária do curso de licenciatura em Educação Física no ambiente escolar?

Caminhos Metodológicos

Esse estudo adotou o método qualitativo, documental, do tipo estudo de casos, recorrendo a procedimentos do modelo analítico descritivo. Os instrumentos utilizados foram entrevistas do tipo semi-estruturada (inicial e final), observações *in loco* com notas de campo e o documento institucional Relatório Final de Estágio.

Participaram desta pesquisa um Professor Supervisor da rede básica de ensino e seu Estagiário, aluno do curso de Licenciatura em Educação Física da Instituição de Ensino Superior (IES) pesquisada, situada na baixada fluminense do Rio de Janeiro, devidamente matriculados na atividade de estágio, sendo o PS Alan e sua estagiária de Alice (nomes fictícios). A seleção foi realizada por se tratar de uma escola modelo na cidade e possuir vínculo administrativo com a IFES pesquisada.

A coleta de dados ocorreu no período de dois meses de duração e em cada unidade escolar e foi realizada em dias distintos. Na escola foram realizadas oito dias de visita, do período de 13h às 15:30h (terças-feiras), totalizando 20 horas de observação.

As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas de forma individual, uma no início e outra ao final do período de dois meses de estágio, com o professor supervisor e a estagiária, com objetivo de entender melhor as demandas do estágio em momentos de ausência da pesquisadora. As observações *in loco* foram realizadas com o objetivo de presenciar os momentos de relação entre o professor supervisor e sua estagiária e vivenciar as demandas cotidianas da escola. Para fins de maior rigor nas análises dos dados, foram utilizados também como instrumentos os Relatórios Finais de Estágio de Alice, no formato impresso e de apresentação oral, onde foram analisados a conformação do estágio realizado.

Para o tratamento dos dados coletados foi utilizada a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). Essa técnica de análise objetiva analisar o conteúdo manifesto e o conteúdo latente dos participantes, sem interferência do pesquisador, ou seja, tudo que foi dito e/ou que ficou subentendido de forma simbólica.



Resultados e Discussões

As Categorias de Indicadores são as ações e condutas presentes nos Modelos de Receptividade do estagiário na escola que emergiram durante as análises dos dados para facilitar e orientar. São eles: Chegada, Apresentação de Instrumentos Pedagógicos (escola/professor), Disponibilidade de Comunicação e Demonstração de Interesse na Formação do Estagiário, Expectativas com o Estagiário, Participação do Estagiário, Socialização Profissional do Estagiário, Orientação e *Feedback*, Relacionamento entre PS e Estagiário e Reflexão sobre a Prática e Carreira Docente.

De acordo com os dados coletados e as relações observadas do professor supervisor Alan e da estagiária Alice, pôde-se observar um acolhimento com mais indicadores do modelo Recepção.

Discussão dos Dados

Chegada do estagiário

A estagiária Alice teve atenção da equipe gestora para assinatura dos documentos de estágio e sobre algumas informações importantes da escola. Os horários dos professores supervisores foram apresentados e a estagiária pôde escolher o horário que se adequasse à sua grade de disciplinas acadêmicas.

A apresentação do espaço físico da escola foi realizada pelo professor supervisor Alan, porém se limitou as áreas que a estagiária mais frequentaria como: a quadra coberta, área externa (pátio) e algumas salas de aula. A sala dos professores e outros ambientes de socialização dos professores não foram apresentados à estagiária, o que contribuiu para que a estagiária se sentisse menos pertencente e acolhida no ambiente escolar A pelo professor supervisor e por outros professores/funcionários da escola.

De acordo com Araújo (2014), a Recepção é quando o estagiário tem apenas a autorização de entrada na escola para cumprir o seu estágio, mas não evolui para um estágio de maior acolhimento e acompanhamento do licenciando junto ao seu professor supervisor.

O horário de realização do estágio deve ser acordado entre o estagiário e a direção da escola, de forma que o horário das aulas na universidade seja devidamente preservado.



A função que o estagiário é destinado a cumprir durante a sua carga horária na escola merece destaque, pois o futuro professor de Educação Física deve desenvolver atividades relacionadas ao seu curso de licenciatura e sob a supervisão de um profissional devidamente habilitado. Ou seja, o estagiário não deve ser colocado para assumir turmas sem supervisão e/ou realizar atividades que condizem com outras funções dentro da escola (SARTI, 2009).

Apresentação de Instrumentos Pedagógicos (escola/professor)

Ao receber a estagiária, o professor supervisor Alan se preocupou com o interesse e disposição da mesma em realizar aquele estágio e, também, deixou claro que não exigiria planejamentos das aulas que a estagiária iria ministrar. A estagiária demonstrou interesse em dividir os planejamentos das aulas feitos por ela, mas o professor Alan insistiu repetidas vezes de que não era necessário, ao insistir apenas em uma conversa sobre o que seria dado.

O professor Alan não apresentou qualquer planejamento ou organização bimestral da escola para a estagiária, a fim de que ela possuísse mais informações sobre aquele ambiente escolar, onde cumpria seu estágio curricular supervisionado. O PS também não apresentou planejamento anual ou bimestral sobre suas aulas à estagiária, sempre alegando que apontava a temática e a estagiária tinha total liberdade de pesquisar.

Na prática do dia a dia, o professor supervisor não parecia seguir um planejamento, deixava as crianças brincarem livremente em um espaço aberto, sempre alegando que crianças do ensino fundamental I não precisariam utilizar a quadra oficial da escola e deveriam brincar explorando os espaços.

De acordo com Araújo (2014), faz parte de um acolhimento interessado na formação do estagiário que a escola e/ou professor supervisor apresente os documentos diretivos de planejamentos ao estagiário, pois serão eles que darão base para o estagiário compreender a realidade da escola e propor atividades que sejam direcionadas as demandas específicas daqueles alunos.

Um dos elementos da receptividade que denotam que o estágio curricular supervisionado não se desenvolveu para além da Recepção, é o professor supervisor não demonstrar interesse em dividir seus planejamentos organizacionais com seu estagiário e/ou participar da elaboração dos planos de aula do estagiário (ARAÚJO, 2014).



Disponibilidade de Comunicação e Demonstração de Interesse do PS na Formação do Estagiário

O professor supervisor Alan disponibilizou desde o início do estágio seu número pessoal de celular (*whatsapp*) para a estagiária Alice, para que ambos pudessem se comunicar quando necessário.

Porém essa ferramenta de comunicação não foi utilizada de forma eficaz e produtiva, visto que por duas vezes (que foram acompanhadas nas visitas da pesquisa), a estagiária se dirigiu até escola e foi surpreendida com a suspensão das aulas naqueles dias, sem aviso prévio. Essas situações foram decorrentes da falta de abastecimento de água à escola, o que provocou a suspensão das aulas do turno da tarde, e da ausência do PS da unidade escolar por problemas pessoais que exigiam a sua atenção.

Em relato sobre essas situações, o PS disse ter esquecido de avisar a estagiária que as aulas se encontravam suspensas e justificou que, quando está sozinho não precisa se lembrar de avisar nada a ninguém, porém que nas aulas com a presença de estagiários, precisa se dedicar um “pouquinho” mais para se lembrar de dar os *feedbacks*.

Sobre participar na formação da estagiária, o professor não pareceu saber exatamente o que desenvolver na orientação de um estagiário e não demonstrava muito interesse nas atividades ou demandas da estagiária nas aulas.

De acordo com Araújo (2014), o professor supervisor que demonstra interesse na formação do estagiário se coloca disponível e acessível para uma relação de parceria dentro e fora dos muros da escola. Esses meios de comunicação estreitam os laços e aproximam o PS de seu estagiário, facilitando a tirada de dúvidas, orientações e conversas sobre o meio docente.

Na Recepção, o estagiário tem pouco ou nenhuma oportunidade de acesso ao professor supervisor, motivado pelo desinteresse ou ignorância do PS, sobre o ato de acolher e orientar um estagiário. Nesses casos, o estagiário tende a ter uma relação distante e impessoal com seu professor supervisor, não tendo muito espaço para orientações e discussões mais aprofundadas. Sob essas motivações também, na Recepção, o PS não demonstra muito interesse em participar do processo formativo do estágio, muitas vezes, considerando que autorizar a estada do estagiário em suas aulas e assinar os documentos de estágio seria uma participação efetiva (ARAÚJO, 2014).



Expectativas do Professor Supervisor com o Estagiário

O professor supervisor Alan relatou que a primeira coisa que faz quando um estagiário chega a sua aula é perguntar as reais intenções dele com aquele estágio e com a carreira de professor de Educação Física. Acrescentou também que explica todas as dificuldades da carreira docente e as problemáticas do dia a dia de uma escola.

A expectativa do professor supervisor Alan com seu estagiário é que ele tenha envolvimento com seu estágio e que tenha postura profissional respeitável durante esse tempo que ficará na escola. O PS acredita que o estagiário deva demonstrar interesse e compromisso com a sua própria formação profissional e que procura avaliar essa dedicação quando acolhe os estagiários.

O professor supervisor Alan acredita que a sua atuação e dedicação ao estágio depende da demonstração de interesse pelo estágio e pela profissão, pois ele acredita que quanto mais dedicação o estagiário tenha, mais envolvimento ele terá com o estágio.

De acordo com Araújo (2014), na Recepção, o professor supervisor não tem qualquer expectativa com seu estagiário, pois não apresenta interesse em participar e auxiliar na formação do estagiário. Nesses casos, o PS não se dedica a motivar e incentivar o estagiário, que por muitas vezes, pode ignorar o cotidiano docente e sentir-se inseguro (BUENO; SOUZA, 2012).

O professor supervisor Alan, em relação às expectativas de sua estagiária Alice, apresentou elementos de um Acolhimento Modelar, ou seja, o PS manifestou a expectativa de que o estagiário apresentasse interesse e o procurasse com objetivo de aprender o que tem para ensinar (CARVALHO, 2000).

Participação do estagiário no cotidiano escolar

Os planejamentos das intervenções da estagiária não foram discutidos com o PS, por ele julgar não ser necessário esse tipo de cobrança no estágio e suas intervenções foram realizadas sem qualquer supervisão do professor supervisor Alan. O PS defendeu a opinião de que a estagiária precisava de espaço e autonomia e que só iria intervir na aula caso algo desse errado. Alan acrescentou que não avisou nada aos alunos e deixou que eles fossem naturais, para que a estagiária vivenciasse a realidade escolar.



O estagiário desenvolveu sua participação nas aulas de forma autônoma, baseada no seu interesse em vivenciar aquela nova experiência docente. A atuação da estagiária se limitou às aulas ministradas no ambiente da quadra/ pátio e não teve a oportunidade de vivenciar outros ambientes da escola e/ou eventos pedagógicos.

De acordo com Araujo (2014), um dos elementos que convergem com os ideais da Recepção é a não integração do estagiário pelo PS ao dia a dia escolar, como participação nas aulas sob a sua supervisão, planejamentos e culminância de eventos escolares.

Ao estagiário, o PS deve conceder a oportunidade de realizar intervenções nas aulas e assumir o protagonismo das atividades, porém sempre devidamente supervisionado por um profissional capacitado. Com isso, o estagiário não deve assumir o cargo de professor efetivo de turmas com o objetivo de substituir uma carência de professores na escola e/ou ser utilizado para “descanso” do professor supervisor, essas posturas são contra a lei que regulamenta o estágio supervisionado nos cursos de licenciatura. Além disso, com essas ações, a escola e/ou professor supervisor demonstram um desinteresse pela formação profissional de qualidade do estagiário (ARAÚJO, 2014).

Socialização Profissional do Estagiário

A socialização profissional da estagiária Alice ocorreu de forma bem limitada, o que causou alguns momentos de frustração e desânimo à estagiária. O professor supervisor Alan apresentou apenas alguns espaços da escola, em especial a quadra, o espaço aberto (pátio) que realizava a maioria das suas aulas e sala de materiais. Porém, outros espaços importantes, como a salas dos professores, a direção e a coordenação da unidade escolar não foram apresentados por ele. A estagiária Alice não vivenciou as conversas informais ou os debates importantes que ocorrem rotineiramente em uma sala dos professores, pela falta de convite do PS para socializar nesses espaços.

Não houve convites pelo PS para participar de planejamentos e/ou execuções de eventos na escola, assim como, de participar de reuniões pedagógicas (Reunião de pais, Conselho de Classe e outros). A estagiária Alice, também, não teve oportunidade de conviver com outros professores e funcionários da escola, tendo apenas socializado com os profissionais que



assinaram seus documentos de estágio e/ou a pedido do PS para resolver alguma coisa (a solicitação de material esportivo ou a comunicação de uma mensagem).

Quando o estagiário de licenciatura tem a oportunidade da socialização profissional, ele acessa os símbolos e os hábitos inerentes ao cotidiano escolar e isso o permite refletir sobre o conhecimento inerente a sua socialização antecipatória (família, amigos e sua própria vida escolar). Ao retornar à escola na função de futuro docente, o estagiário precisa ressignificar sua socialização escolar e, com isso, enfrentar um novo desafio de “prestar atenção nos fenômenos da sala de aula em relação ao qual ele possui expectativas ou representações fortes” (TARDIF, 2012, p. 70).

Para Araújo (2014), a socialização profissional profícua ao estagiário permite a vivência de momentos de construção profissional e a compreensão, de forma antecipada, do seu futuro local de labor. Logo, quando essa socialização profissional não é priorizada no estágio, o estagiário carece de momentos importantes de interação com outros agentes e eventos da escola.

Orientação e *Feedbacks*

Os momentos destinados a orientação e *feedbacks* do professor supervisor Alan à estagiária Alice, sobre suas intervenções, foram bem limitados, o que causou insatisfação a estagiária. O PS não demonstrou interesse em construir e analisar o planejamento das aulas de intervenção junto à estagiária, nem mesmo diante dos planos de aulas apresentados por Alice. Além disso, participou pouquíssimas vezes das aulas ministradas pela estagiária, mantendo-se afastado com frequência do local das aulas.

As orientações do PS se limitavam a pequenas considerações sobre a adequação da faixa etária dos alunos à atividade que proposta pela estagiária ou alguma informação sobre a dinâmica de aula acarretar algum problema à escola. As orientações do PS sobre as questões inerentes ao mundo escolar foram breves e, algumas vezes, com frases desanimadoras à estagiária. Nas entrevistas, a estagiária recordou que Alan a indagou, no início do estágio, se ela ainda não tinha desistido da profissão de professora de Educação Física. A estagiária comentou ter ficado bastante incomodada com o comentário, principalmente, oriundo do seu professor supervisor de estágio.

Os *feedbacks* são avaliações que o PS proporciona ao seu estagiário, com o objetivo de analisar e contribuir para uma prática docente reflexiva (PIMENTA; LIMA, 2019). Sobre essa ideia, o professor supervisor Alan não tinha o hábito de avaliar e discutir as ações realizadas pela estagiária e realizou comentários apenas no preenchimento obrigatório do documento de estágio.

Nos indicadores da Recepção (ARAÚJO, 2014), no quesito sobre orientações e *feedbacks* ao estagiário, o professor supervisor não demonstra a preocupação em integrar a sua rotina momentos destinados a conversas reflexivas com o estagiário sobre a prática e a dinâmica docente. Ou seja, o estagiário cumpre sua carga horária de estágio na escola, mas não lhe é proporcionado momentos de discussão e aprendizagem sobre as vivências experimentadas no estágio.

Segundo Araújo (2014), o professor supervisor deve estar sempre atento e participativo no acompanhamento do seu estagiário, observando as suas indagações e atuações nas aulas, para que assim, possa proporcionar orientações e *feedbacks* relevantes à futura vida profissional do estagiário.

Relacionamento entre Professor Supervisor e Estagiário

O relacionamento do PS e da estagiária Alice se desenvolveu de forma distante e pouco atenciosa por parte de Alan. O professor supervisor não demonstrou muito interesse e/ou conhecimento em orientar e acompanhar a estagiária no seu processo de estágio, não oportunizando orientações e reflexões sobre as práticas que estavam sendo vivenciadas. Ao se ausentar dos momentos de intervenção da estagiária Alice, o PS a deixou mais insegura com relação à turma e não presenciou situações importantes das aulas para discutir e dialogar com a estagiária posteriormente.

O professor supervisor Alan não oportunizou momentos de vivência em outros espaços escolares a estagiária, que nos intervalos entre as aulas, aguardava o PS na quadra. Mesmo tendo disponibilizado a estagiária Alice o seu contato pelo *whatsapp*, o PS não fez uso da ferramenta para orientação e informação, esquecendo algumas vezes de avisar à estagiária dos dias que as aulas haviam sido suspensas.

De acordo com Araújo (2014), na Recepção, o professor supervisor se mantém distante de seu estagiário, não demonstrando interesse em participar do processo de formação profissional do estagiário, em uma relação de pouca parceria e companheirismo. Quando o estágio não evolui para além da Recepção, o PS não oferece supervisão dos momentos de intervenção do estagiário, se ausentando do espaço para resolver outras questões profissionais e/ou pessoais. Com isso, não constrói elementos suficientes para uma análise crítica para *feedbacks* com seu estagiário.

Para Araújo (2014), o estagiário não deve realizar seu período de estágio curricular na escola que não apresenta supervisão de um profissional habilitado para tal e sob nenhuma hipótese deve assumir sozinho às turmas por qualquer motivo ou necessidade da escola.

Reflexão sobre a prática docente no cotidiano escolar

No período de estágio curricular da Alice sob a supervisão do professor Alan, não foram percebidos muitos momentos destinados a reflexão sobre prática docente.

O professor Alan não disponibilizava momentos com a sua estagiária para refletir sobre as vivências pedagógicas no estágio ou situações importantes que foram presenciadas durante as aulas.

Discussões sobre o cotidiano e questões problemáticas docentes, também, não eram muito discutidas entre o PS Alan e sua estagiária. O PS até comentava sobre algumas dificuldades da vida de professor, mas não abordava esse assunto na perspectiva de refletir e/ou incentivar a estagiária, mas sim de apresentar as dificuldades do cotidiano docente.

A estagiária relata em sua entrevista final que o PS Alan a recebeu perguntando se ainda não havia desistido da profissão. Essa atitude a deixou bastante chateada e descontente com a postura do professor supervisor de estágio.

De acordo com Araújo (2014), no acolhimento Formativo (BUENO; SOUZA, 2012), o professor supervisor deve proporcionar momentos de reflexão sob o conceito da invisibilidade. Ou seja, o estagiário não imita seu PS, ele vivencia e reflete junto ao seu PS sobre as dinâmicas docentes e constrói sua identidade docente a partir de reflexões e discussões experimentadas.

Na Recepção o estagiário fica limitado a autorização de permanência para a realização das horas de estágio, mas não há integração com o ambiente escolar e uma maior atenção na



formação profissional desse futuro professor, não havendo momentos destinados a orientação e reflexão sobre a prática docente (ARAÚJO, 2014).

Considerações Finais

A partir da pesquisa desenvolvida, observou-se que no estudo de caso, o professor supervisor Alan não demonstrou interesse pelo estágio e não oportunizou a estagiária Alice momentos de orientação e vivências profissionais importantes para sua formação.

Porém, essa pesquisa mostrou que o professor pesquisado não teve qualquer formação acadêmica ou instrução da universidade participante para orientar os estagiários e, também, não apresentou uma organização e/ou ações sistematizadas para realizar uma supervisão de um estagiário, agindo de forma livre, baseada no senso-comum do que consideram certo ou errado para uma orientação adequada ao estagiário.

Ao acolher o estagiário sem a devida capacitação, o professor supervisor adota estratégias que julga serem as mais corretas, valendo-se de aprendizagem por erros e acertos, a qual o mestre transmite a prática do ofício aos seus discípulos. O professor supervisor, muitas vezes, entende a recepção de um estagiário em suas aulas como um favor prestado e, sem instrução adequada, exerce sua orientação baseada no senso comum (BENITES, 2012).

Essa pesquisa não considera prudente o julgamento da conduta dos professores supervisores, pois diversos são os fatores que influenciam suas práticas docentes. Por isso, é importante aprofundar a discussão sobre o estágio supervisionado e o professor supervisor para que haja uma maior reflexão sobre as verdadeiras necessidades do professor ao receber um estagiário em suas aulas, assim como, suas posturas e comportamentos.

Para Benites (2012), o estágio curricular supervisionado conta com uma legislação que rege todo seu funcionamento de carga horária, seguros e documentações, assim como, o papel da escola (concedente) de receber e acolher o estagiário em seu espaço educativo, porém não regulamenta e/o esclarece as funções que o professor supervisor deve exercer ao receber um estagiário em suas aulas. A autora acrescenta que o professor supervisor, em sua formação nos cursos de licenciatura, não desenvolve conhecimentos sobre “como formar outro profissional”, ou seja, ele aprende a lecionar para alunos, mas não a orientar um estagiário.



Com isso, se faz necessário refletir sobre uma formação profícua desses professores supervisores, para que haja uma maior consciência e intenção nas escolhas e atitudes adotadas ao receber um estagiário, oportunizando momentos de acolhimento e reflexão sobre a futura vida docente.

Referências

- ARAÚJO, S. **Acolhimento no estágio: entre modelos e possibilidades de formação docente**. 2014. 202 f. Dissertação (Mestre em Educação) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BENITES, L. C.; CYRINO, M.; SOUZA NETO, S. A prática de ensino como possibilidade de reflexão: concepções dos professores-colaboradores. *In: LEITE, Y. U. F. et al. (Org.). Políticas de formação inicial e continuada de professores*. Araraquara: Junqueira & Marin Editores, 2012. v. 2, p. 563-574.
- BENITES, L. **O professor-colaborador no estágio curricular supervisionado em Educação Física: perfil, papel e potencialidades**. 2012. 180 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 28/2001, de 2 de outubro de 2001. Dá nova redação ao Parecer CNE/CP 21/2001, que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. **Diário Oficial da União**: Seção 1, Brasília, DF, p. 31, 18 jan. 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/028.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- BUENO, B.; SOUZA, D. Pedagogia contemporânea e formação de professores em serviço: lógicas e dispositivos de um modelo em expansão. *In: BITTAR, M. Formação de professores*. São Paulo: Edufscar, 2012.
- CARVALHO, M. M. C. Modernidade pedagógica e modelos de formação docente. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 111-120, jan./mar. 2000. ISSN: 1806-9452. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000100013>
- MOTA, D. **Licenciandos de Educação Física no contexto do Estágio Curricular Supervisionado: um estudo sobre indicadores de acolhimento**. 2020. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2020.
- PIMENTA, S.; LIMA, M. **Estágio e docência**. Ed. São Paulo: Cortez: São Paulo, 2019.
- SARTI, F. M. Parceria intergeracional e formação docente. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 133-152, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982009000200006>



TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Trad. Francisco Pereira. Petrópolis: Vozes, 2012.

AGRADECIMENTOS: À CAPES, pois o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Pesquisa que resultou em dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Licenciandos de educação física no contexto do Estágio curricular supervisionado: um estudo sobre indicadores de acolhimento (MOTA, 2020).

Diane Mota Lima¹

Mestra em Educação Física pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus Presidente Prudente. Professora de Educação Física da rede básica de ensino da prefeitura (SME) e estado (SEEDUC) do Rio de Janeiro, Brasil. Participante do Grupo de Pesquisa “Pedagogia em Educação Física e Esporte” (GPPEFE/ UFRRJ) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7933-2777>.

E-mail: dianemotalima@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7703034874993693>

Miguel Ataíde Pinto da Costa²

Doutor em Epidemiologia em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (FIOCRUZ). Professor em regime de dedicação exclusiva do Colégio Pedro II. Campus Realengo, Brasil. Participante do Grupo de Pesquisa Laboratório de Pesquisa e Extensão em Educação Física e Sociedade (LAPEEFS).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6106-9229>.

E-mail: miguelcosta.ef@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0888841150856549>

José Henrique dos Santos³

Doutor em Ciências da Educação pela Universidade Técnica de Lisboa. Professor em regime de dedicação exclusiva no Programa de Pós-Graduação em Educação e da graduação em Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Brasil. Líder do Grupo de Pesquisa “Pedagogia em Educação Física e Esporte” (GPPEFE/ UFRRJ).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2159-6611>.

E-mail: henriquejoe@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3330684865751520>